

PORTUGAL UND DAS HEILIGE RÖMISCHE REICH
PORTUGAL E O SACRO IMPÉRIO

Saudade. A importação de faiança portuguesa no século XVII

Esta apresentação pretende ser uma reflexão acerca da disseminação da faiança portuguesa no século XVII através do comércio internacional. Trata-se de um assunto complexo¹, mas para o qual se pretende ter o apoio não só de um inventário de objectos em colecções públicas (e se possível privadas) estrangeiras e, simultaneamente, um levantamento de materiais obtidos em escavações, quer em Portugal, quer no estrangeiro. Alguns destes materiais têm vindo a ser objecto de investigações laboratoriais que poderão clarificar alguns dos aspectos em estudo.

*

A faiança portuguesa do século XVII é normalmente associada a objectos decorados a azul e branco, com forte influência oriental². Ainda que correcta, a ideia não traduz a diversidade existente, pois a cerâmica de vidro estanífero nacional é mais complexa, sendo tributária de outras inspirações.

Uma questão polémica na Historiografia cerâmica portuguesa é a data inicial de produção das primeiras cerâmicas decoradas de vidro estanífero nacional. A manufactura de azulejos surge inequivocamente assinalada com obras excepcionais, como o revestimento parietal da capela de São Roque, em Lisboa, assinado por Francisco de Matos e datado de 1584³. Se nesta data era manufacturada em território nacional cerâmica policroma de revestimento de grande qualidade, parece evidente considerarmos que a produção terá sido extensiva ao fabrico de louça. No entanto, não conhecemos peças datadas, nem foram assinalados objectos em escavações

¹ Estas reflexões, e outras, estão a ser sistematizadas e, esperamos, clarificadas na tese de doutoramento “*A produção de faiança em Portugal anterior às manufacturas pombalinas (do final do século XVI a 1763) – com enfoque nas oficinas de Lisboa*” que decorre na Universidade Católica Portuguesa.

² Sem elencar exaustivamente os autores que se debruçaram sobre o tema, são de referir os textos de José Queirós, *Cerâmica portuguesa e outros estudos*, Lisboa, Editorial Presença, 2002, Reynaldo dos Santos, *Faiança Portuguesa, séculos XVI-XVII*, Lisboa, 1960, Rafael Salinas Calado, *Faiança portuguesa*, Lisboa, 1992. João Pedro Monteiro, *A influência oriental na cerâmica portuguesa do século XVII*, Milão: Electa, 1994 (cat. exp.) e João Pedro Monteiro, *A faiança portuguesa do século XVII e a influência da porcelana da China*, Lisboa, 1998, (texto policopiado realizado para a Fundação Oriente).

³ Ainda que investigações recentes apontem uma cronologia mais recuada para a manufactura nacional de azulejaria, cf TRINDADE, Rui Alves, *Revestimentos Cerâmicos Portugueses. Meados do século XIV à primeira metade do século XVI*, Dissertação de Mestrado, defendida na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1997/98.

em cotas que apontam seguramente para uma cronologia do século XVI. O que está registado são objectos de barro, por vezes com vidrados verdes de cobre ou amarelos de ferro, e faianças brancas com cronogramas ou elementos decorativos simples. Deste modo, os revestimentos azulejares de Francisco de Matos - ou de Marçal de Matos, que muitos autores consideram um seu familiar – possuem um carácter de excepção, talvez por se tratarem de artistas estrangeiros que terão permanecido em território nacional por um período de tempo específico⁴.

A partir de escavações arqueológicas na Europa e na América do Norte têm sido encontrados fragmentos de cerâmica portuguesa - em cotas seguramente seiscentistas - que apontam para uma manufatura relativamente vasta e variada, por vezes, sem paralelo com os exemplares existentes em instituições públicas e privadas nacionais.

O que também parece cada vez mais evidente é a especificidade de alguns dos tipos de produtos encontrados, consoante observamos as diferentes proveniências destes espólios. Assim, parece poder estabelecer-se variações nas exportações portuguesas, consoante os produtos se destinavam ao Brasil ou à América do Norte, aos Países Baixos ou à Liga Hanseática.

Nos objectos para este último destino, e que parecem ter sido dos mais requintados produzidos para fora do território nacional, os referentes associam uma influência italiana e francesa a elementos exóticos, sendo estes, normalmente, subsidiários de formas ocidentais que assumem maior protagonismo.

Nas escavações dirigidas por Jan Baart em Amsterdão no bairro outrora conhecido como *Vlooyenburg*, e que decorreram entre 1981 e 1982, surgiram no tardoz de numerosas peças (quer recipientes intactos, quer fragmentos de objectos de exportação portuguesa), nomes portugueses ou luso-judaicos ou

⁴ Acerca desta hipótese cf. PAIS, Alexandre, *Património Arquitectónico: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa* / coord. geral Maria Helena Oliveira ; coord. editorial Teresa Freitas Morna, Helena Alexandra Mantas - Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Museu de São Roque, 2006. - Vol. 1, p.

ainda abreviaturas dos mesmos⁵. Nesta escavação em nenhuma faiança de proveniência portuguesa foi encontrado um nome holandês (tanto quanto sabemos), sendo ainda necessário averiguar se estas pertenciam a judeus portugueses emigrados na Holanda, que as terão levado na sua bagagem, ou se as mesmas foram importadas a Lisboa. Aceitando a segunda hipótese, importa considerar se o estado de guerra então existente entre os Países Baixos e o Império espanhol - que Portugal integrou entre 1580 e 1640 - terá condicionado a exportação directa de bens com origem peninsular para esse território⁶.

Mesmo com estes aspectos ainda em aberto, é evidente que a superioridade quantitativa e qualitativa da produção holandesa e a capacidade de escoamento da sua produção, especialmente a partir de meados do século XVII, deverá ter conduzido a um decréscimo significativo da importação portuguesa, situação que terá ocorrido, de igual modo, no comércio hanseático a partir de 1650. Este decréscimo de importância da produção nacional deverá estar relacionado com a Restauração da Independência portuguesa e, eventualmente, com o afastamento dos protagonistas deste comércio dos centros de decisão. O que prevalece e parece razoável acreditar é que a exportação para o mercado europeu foi um factor determinante na manufactura cerâmica portuguesa, com um alcance até agora unsuspeitado no que se refere à criação de formas e decorações destinadas especificamente a esse consumo.

A presença de um número razoável de peças datadas em colecções alemãs, permite perceber que o apogeu da exportação cerâmica lisboeta ocorreu entre 1623 e 1656⁷. Estes objectos, muitos deles destinados a indivíduos específicos de origem germânica, no que contrasta com o quadro definido

⁵ Os exemplos foram publicados no livro *Portugueses em Amesterdão 1600-1680*, Amsterdam, Bataafsche Leeuw, 1988.

⁶ O que parece certo é a existência de características específicas nas peças aparentemente destinadas a estes territórios, nomeadamente uma paleta que empregava um azul mais claro que o utilizado nas peças destinadas ao mercado interno e ao da Liga Hanseática, e o protagonismo da superfície branca.

⁷ Cronologia estabelecida a partir das peças mencionadas na bibliografia germânica, nomeadamente HUSELER, Konrad, «Die Hamburger Fayencen des 17. Jahrhunderts», *Nordelbingen IV*, 1925, p. 479-532.

para a Holanda, preencheram a apetência que o centro da Europa tinha pelo exotismo da louça de influência oriental, oferecendo a um leque mais alargado de clientes maiores possibilidade de representação e definindo novas influências de gosto.

A “FAIANÇA DE HAMBURGO”

Hamburgo foi, no final do século XVI, um destino preferencial para numerosas famílias judaicas que emigravam da Península Ibérica, as quais passaram a designar-se *sefardins*, para se distinguirem dos grupos da Europa central e oriental que falavam um dialecto judaico-alemão e se denominavam *jiddisch*⁸.

O estabelecimento de portugueses em Hamburgo, documentado a partir de 1590, foi tolerado até 1603, quando foi exigida a sua expulsão devido à sua crescente tendência de se declarar partidária da fé judaica, associando nomes hebraicos aos de origem portuguesa. Esta população, composta não só por ricos comerciantes, mas também por investigadores e intelectuais, acabou por constituir uma *natio lusitana*, expressão que o Senado hamburguês empregou aquando da assinatura de um tratado em 1612⁹. Este documento, renovável por períodos de cinco anos, garantia aos portugueses residência e liberdade plena no exercício das suas profissões, impondo, no entanto, sérias restrições no domínio religioso, ao mesmo tempo que possibilitava a cobrança de impostos elevados e considerável intromissão na vida privada destas famílias. Apesar destas condições, o estabelecimento de grupos luso-judaicos em Hamburgo aumentou, tendo sido recenseadas 120 famílias, em 1650, integrando cerca de 600 indivíduos, para 30.000 habitantes nesta cidade¹⁰.

⁸ BENBASSA, Esther, RODRIGUE, Aron, *História dos sefarditas, Historia e biografias*, Lisboa: Instituto Piaget, 2000, p.44-61. Para a questão da separação dos Judeus ibéricos cf. CARVALHO, António Carlos, *Os judeus do Desterro de Portugal*, Lisboa: Quetzal Editores, 1999.

⁹ KOJ, Peter, «Portugiesisch im Deutschen Wortschatz», in *Portugiesisch-Hanseatische Post*, 8, 1993, p. 32-33.

¹⁰ Entre eles contavam-se os quatro portugueses fundadores do primeiro banco de Hamburgo, sendo a importância desta população extensível não só ao domínio da gestão financeira, mas à sua cultura e domínio de vários idiomas, que lhes davam uma grande vantagem nos negócios e diplomacia. A experiência comercial a que se associava o conhecimento dos produtos provenientes das colónias, para além das relações de parentesco que permaneceram nas metrópoles espanhola e portuguesa, as quais muitas vezes se estendiam às próprias colónias, foram factores importantes dos quais souberam tirar partido. Cf. KOJ, Peter, «Portugiesisch im Deutschen Wortschatz», in *Portugiesisch-Hanseatische*

Lisboa era, a par de Sevilha, um centro de comércio mundial constituindo um ponto de encontro de riquezas coloniais¹¹, mas o início do século XVII constituiu um ponto de viragem: uma profunda crise económica abateu-se sobre os impérios peninsulares¹². Um devastador decréscimo demográfico provocado por epidemias de peste, pela expulsão das populações mouriscas (1609) e pela progressiva mudança de cristãos novos para outras regiões onde a intolerância religiosa era menor conduziram, entre outros factores, a um aumento elevado dos salários e, conseqüentemente, a um maior custo dos produtos artesanais, o que se traduziu num abrupto decréscimo da sua procura interna. Para fazer face a esta situação o mercado nacional procurou novos espaços para escoamento de produção, investindo na exportação de produtos de qualidade e procurando ir ao encontro dos gostos e preferências de novas clientelas¹³.

O contexto político da época era igualmente complexo, com a Inglaterra e os Países Baixos em guerra com a Península Ibérica unificada, e a fomentar a prática do bloqueio comercial e do corso, com vista a infligir danos assinaláveis à já muito desequilibrada balança comercial ibérica¹⁴. Assim, foi necessário definir rotas seguras que permitissem o comércio, Hamburgo passou a assumir o papel de eixo difusor dos produtos provenientes da Península, nomeadamente de Lisboa¹⁵. Mesmo com o início da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) que precipitou a Europa Central numa crise, a partir

Post, 8, 1993, p. 32-33. Para conhecer os números das populações portuguesas em vários países e cidades da época cf. COELHO, António Borges, *Clérigos, mercadores, "judeus" e fidalgos*, 1994, p. 152-153.

¹¹ Cf. HERMANN, Christian, MARCADÉ, Jacques, *A Península Ibérica no século XVII*, Lisboa, Publicações Europa-América, 2002.

¹² SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *O tempo dos Filipes em Portugal e no Brasil (1580-1668)*, Lisboa: Colibri, 2004, p.23-25. BOXER, C.R., *O Império marítimo português, 1415-1825*, Lisboa, Edições 70, 2001, 7ª ed.

¹³ Um factor decisivo no estabelecimento dessas ligações comerciais deverá ter sido proporcionado pelo estabelecimento de negociantes descendentes de judeus portugueses que se fixaram na costa mediterrânica, nas zonas costeiras da Europa Ocidental e nas áreas germânicas do Mar do Norte e do Mar Báltico. A experiência comercial, a apetência por produtos coloniais e, em muitos casos, as ligações de parentesco, foram factores decisivos no estabelecimento destas rotas comerciais.

¹⁴ Cf. GODINHO, Vitorino Magalhães, *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar, séculos XIII-XVIII*, Lisboa, Difel, 1990; SCHAUB, Jean-Frédéric, *Portugal na Monarquia Hispânica (1580-1640)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001.

¹⁵ Cf. MARTINS, Jorge, *Portugal e os judeus*, Lisboa, Nova Veja, 2006, vol. I, p. 146-148.

de 1618 a cidade soube manter-se neutral o que, de forma arguta lhe permitiu prosseguir as suas actividades comerciais orientadas para o aprovisionamento das potências em guerra.

De acordo com Ulrich Bauche, duas peças podem ser associadas a essa actividade comercial. Destas destaca-se um jarro pertencente ao Museu Nacional de Copenhaga¹⁶ cuja decoração de escamas no gargalo, parece evocar a influência oriental da produção da Dinastia Ming, embora esta possa também ser observada de forma mais “realista” noutras peças portuguesas¹⁷. O que torna interessante esta peça é que ela sintetiza precisamente a fusão de influências, tão característica da manufactura nacional. Para além dos elementos mencionados surge ainda, na sua base, a legenda LAVRIDTZ ANDERSEN HOLSTLVTNANT, ANOS 1624 – *Feito para Andersen Tenente de Holstein, anos 1624*. Esta informação permite identificar que a peça foi feita para um tenente do exército do rei dinamarquês, em Holstein, sendo o braço armado no interior do coração o seu brasão ou divisa pessoal.

Para Ulrich Bauche, a encomenda desta peça teria sido dirigida às olarias de Lisboa por Moise Benedicktus, o principal comerciante local de origem portuguesa em Glückstadt cidade rival de Hamburgo e aquele que melhor conhecia a manufactura de faiança. O autor refere ainda que o facto da palavra portuguesa ANOS¹⁸ surgir integrada na legenda pode estar relacionado com algum erro, ou omissão, na transmissão do que se pretendia aí mencionar.

Em escavações levadas a cabo em Lubeck encontraram-se objectos de proveniência portuguesa, um dos quais é um prato que representa um soldado a disparar, enquanto corre, sobre um grande felino, inscrevendo-se,

¹⁶ Publicado por HUSELER, Konrad, «Die Hamburger Fayencen des 17.Jahrhunderts», in *Nordelbingen IV*, 1925, il. 11.

¹⁷ Nomeadamente um aquamanil em forma de peixe, no Museu Nacional de Arte Antiga, uma sereia, na Fundação Carmona e Costa, e diversas garrafas em forma de monstro em colecções públicas e privadas, nacionais ou estrangeiras, os quais possuem caudas de peixe, que servem de pegas.

¹⁸ O desconhecimento da língua terá levado o pintor a substituir o que deveria ser a palavra germânica *Jahr* pela portuguesa ANOS. Cf. BAUCHE, Ulrich, «Hamburger Fayencen oder Porcellanas de Lisboa», *Lissabon-Hamburg Fayenceimport fur den Norden*, Hamburg, Museum fur Kunst und Gewerbe, 1996, p.27.

entre eles, a legenda ESTE OME MATOV ESTE LEÃO¹⁹. Estas evidências demonstram que as encomendas de faianças a Lisboa deverão ter tido outros intermediários, para além de Benedicktus, pois prosseguiram após a sua morte, sendo algumas destinadas a clientela de Hamburgo. É possível que o mercador tenha participado neste comércio aquando da sua residência na cidade, antes de se mudar para Glückstadt, podendo, eventualmente, constituir uma das figuras principais na divulgação deste tipo de objectos na Alemanha²⁰.

Aproveitando a neutralidade de Hamburgo no cenário da Guerra dos Trinta Anos, os comerciantes luso-judaicos mantiveram uma intensa correspondência com os seus parceiros de negócios, nomeadamente portugueses. Curiosamente, apesar de documentada muita correspondência nos arquivos alemães tanto quanto sabemos não se encontrou nenhuma carta referindo o comércio de cerâmicas entre Portugal e Hamburgo. Assim, os investigadores alemães que têm estudado o tema, nomeadamente Ulrich Bauche, consideram a hipótese do comércio de faiança proveniente de Lisboa não ser um monopólio sefardita.

Não se sabe se a presença de policromia (amarelo, laranja e verde) valorizava monetariamente estas peças ou se, pelo contrário, o azul e branco associado à paleta oriental era mais apreciado. De qualquer modo, o prestígio destes produtos não deveria estar necessariamente associado a ao

¹⁹ FALK, Alfred, «Portugiesische Fayencen in Lubeck», in *Mitteilungen des Deutschen Gesellschaft für Archäologie des Mittelalters und der Neuzeit*, 18, 2007, p. 93-100.

²⁰ Eventualmente, alguns desses intermediários poderiam mesmo ser naturais da Alemanha. Dos 195 alemães moradores em Lisboa, que se converteram perante a Inquisição, entre 1642 e 1700, a maior parte, cerca de 68%, era natural de Hamburgo, a cidade com a qual Portugal mantinha relações comerciais mais estreitas. Outras origens alemãs eram Lubeck (14 pessoas) e Frankfurt-am-Main (2 pessoas). Os restantes alemães eram provenientes de diversas zonas do Império germânico, como a Saxónia, a Pomerânia, o Palatinado, a Vestefália, a Baviera, a Boémia e as actuais Áustria e Polónia. Muitas destas cidades tinham apenas um natural em Lisboa – Amberg, Augsburg, Berlim, Brandenburg, Braubach, Braunschweig, Bremen, Brieg, Celle, Darmstadt, Haumbach, Hanau, Hanweiler, Heiligenstadt, Hesel, Kassel, Koln, Konigsberg, Lichtental, Lockstedt, Mauthausen, Nimburg, Nuremberg, Oberanden, Oldenburg, Ossen, Rheda, Saarbrucken e Stade, entre outras menos claramente identificáveis. Profissionalmente, estes homens estariam ligados à actividade comercial como mercadores, tratantes ou homens de negócios. Cf. BRAGA, Paulo Drumond, *Portugueses no estrangeiro, estrangeiros em Portugal*, Cascais, Hugin Editores, 2005, p.284-285. Para o tema dos alemães residentes em Portugal consultar também MARQUES, A. H. de Oliveira, *Hansa e Portugal na Idade Média*, Lisboa, Editorial Presença, 1993, 2ª ed.

exotismo chinês, visto serem conhecidas uma série de peças destinadas ao mercado hanseático com presença de outras cores, para além do azul. O que parece evidente é a existência de um substrato italianizante na estética dos objectos destinados ao comércio hanseático, o qual convive de modo original com a matriz oriental que caracterizava a manufactura lisboeta da época²¹. A partir dos inventários e das listas de vendas em leilões²² realizados em Hamburgo para o período de 1628 a 1640 foi possível confirmar que as faianças portuguesas ou os ditos “produtos espanhóis” tinham utilização corrente entre os estratos mais elevados da sociedade, assim como numa vasta camada de burgueses menos abastados, divergindo ambas unicamente por nesta última ser raramente registada a presença de porcelanas chinesas.

As peças mais antigas, inventariadas por ocasião da exposição *Lissabon-Hamburg Fayenceimport für den Norden*, remetem para as primeiras encomendas datadas de 1623 e 1624. Estes objectos, para além de cronografados, possuem, normalmente, os nomes dos encomendantes. É conhecida, no entanto, uma peça com cronografia anterior (1620) destinada a territórios exteriores a Portugal, o que poderá evidenciar contactos anteriores²³.

²¹ Na decoração dos objectos destinados ao consumo interno ou para os países que constituíam, então, colónias portuguesas predominavam os motivos orientais – inspirados na porcelana e objectos de manufactura chinesa - ou os elementos islamizantes – apontamentos que se podem observar maioritariamente na chamada “louça de lustre” ou “de brilho metálico”, que constituía uma das principais produções dos oleiros islâmicos em território espanhol. Relativamente aos aspectos italianizantes presentes nas faianças portuguesas de então estes não se limitavam à paleta empregue, também os temas decorativos podiam ter como base gravuras europeias. Exemplo disso é o recorrente motivo da “Fortuna marina” em objectos portugueses e que foi igualmente empregue em peças italianas, conhecendo-se exemplares com este tema pintados, no final do século XVI, em Pesaro.

²² Através de um leilão judicial realizado em Hamburgo em 1639 é também possível provar a existência de faiança portuguesa numa residência sefardita. O documento “Em relação a Schimam Moyses, que cometeu *stuprum violentum* (violação) sobre a filha de Lopo Nunes.... No ano de 1639, a quatro de Outubro, por Ordem do Senhor Barthold Mollers J.U.L. (*Jurs Ut Lex*) altíssimo presidente do tribunal, e a pedido de Lopo Nunes, (foram) inventariados os bens de Schimahm Moyses, devido ao *Stupri Violent*, e deliberado como se segue: Na sala... 4 grandes pratos espanhóis de cerâmica, 7 pratos de médio porte em cerâmica, 15 copos de vinho de cristal da Boémia e de vidro, 3 potes de cerâmica, 3 potes vermelhos de cerâmica... Samuel Ferdinand, como Auditor e fiador paga por todo o recheio da casa, excepto..... 74 marcos e 8 xelins.” Cf. BAUCHE, Ulrich, *Hamburger Fayencen oder Porcellanas de Lisboa, Lissabon-Hamburg Fayenceimport für den Norden*, Hamburg, Museum für Kunst und Gewerbe, 1996, p. 37.

²³ Trata-se de uma peça a que não tivemos acesso, mas que surge referida num leilão na sede da Christie’s em Londres, em 1992: “A PORTUGUESE DATED AQUAMANILE modelled as an open-mouthed blue-scaled dolphin resting on its back with yellow-edged open mouth and eyes and umber

Por vezes, estes objectos tal como os que eram produzidos para consumo interno integram uma curiosa mistura de temas pagãos e bíblicos, o que torna esta produção mais surpreendente no quadro das criações cerâmicas da época, provavelmente com poucos paralelos anteriores e posteriores noutras manufacturas europeias. O que também se torna evidente é a presença de peças cuja morfologia está ausente dos objectos usualmente encontrados em colecções portuguesas. De entre estas contam-se um tipo específico de potes destinados a aquecer bebidas alcoólicas com plantas aromatizadas²⁴.

Uma constatação feita pelos investigadores da exposição *Lissabon-Hamburg Fayenceimport für den Norden*, foi a grande presença de peças brasonadas com as armas desta cidade na faiança de origem portuguesa. A partir da inventariação então efectuada, foi possível determinar que cerca de 10% dos objectos apresentavam este motivo, o que permite concluir que Hamburgo seria um destino privilegiado de exportação.

A decoração de objectos para exportação com elementos heráldicos da cidade a que se destinavam – ainda que muitas vezes com incorrecções - constituiu uma importante manobra comercial, que não deixa de surpreender os que se interessam sobre este tema. A colocação de peças num mercado estrangeiro precisa, para se consolidar, de uma forte implementação e da criação de estímulos em que a qualidade, por si só, nem sempre é um valor seguro. Assim, a presença do brasão da cidade em peças de exportação funcionava duplamente, quer como apelo ao patriotismo dos seus habitantes (decorria a Guerra dos Trinta Anos), que assim viam o símbolo da sua identidade em objectos cuja manufactura não tinha expressão na região,

fins and tail, the tail forming a mouth-piece, resting on a striped scallop-shell, the underside with the date 1620 (pierced, tip of mouthpiece lacking, flaking), 1620, the mounts later”. Parece evidente tartar-se de uma peça semelhante à que integra as colecções do Museu Nacional de Arte Antiga, de Lisboa.

²⁴ Estas peças com tampas com pegas elevadas e corpo de bojo ovóide, assente em base circular e par de asas em orelha coladas ao corpo da peça, têm no seu interior um corpo ovalado, fixo a uma das paredes internas da peça, que por apresentar diversos orifícios funcionava como passador. Nelas preparava-se uma bebida alcoólica à base de cerveja, vinho ou aguardente e bolo de mel, a que eram adicionados limão, passas e frutos cristalizados a partir do século XVII (após a introdução de alguns hábitos alimentares portugueses), e ervas aromáticas que se deixavam de infusão nesse passador.

quer, possivelmente, alargando as possibilidades de disseminação da faiança, suporte privilegiado para veicular a identidade heráldica das famílias locais.

O que parece evidente é que as peças brasonadas com a heráldica da cidade não correspondem à primeira fase da exportação, pois nesse primeiro período são as peças com símbolos familiares que predominam. Só a partir de 1635, e com maior expressão depois de 1640, é que começaram a surgir em maior número objectos assinalados com as armas de Hamburgo. Na própria faiança produzida para o mercado interno constata-se uma crescente tendência para ornamentar as peças com as armas de Portugal e, muito raramente, com as de Lisboa. Este fenómeno que constitui um aspecto de afirmação de identidade, já foi assinalado como uma expressão da Restauração da Independência face à Coroa de Espanha²⁵.

Uma constatação que os estudiosos germânicos fizeram, e que surge mencionada no trabalho de Ulrich Bauche, é que nos objectos designados “espanhóis” são assinaladas poucas variedades de formas: jarros e púcaros, caçarolas, pratos e taças, vasos e jarras²⁶. Aparentemente, menos comuns nos destinos de exportação, foram as formas associadas à farmácia, nomeadamente garrafas e canudos²⁷.

O que parece evidente na maioria das peças é que algumas morfologias foram criadas especificamente para exportação, como as ditas painéis²⁸ para

²⁵ Cf. MONTEIRO, João Pedro, *A faiança portuguesa do século XVII e a influência da porcelana da China*, Lisboa, 1998.

²⁶ Outra característica, evidenciada praticamente só nas peças com esta origem, é o facto de terem, muitas vezes, informações sobre a sua capacidade ainda que esta medição tenha como base as medidas de Hamburgo, no caso português têm as mesmas referências: são mencionadas as Quartas, correspondentes a 0,9054 l, e o Meio Quarto, as Meia, Uma e Duas Salinhas, cuja unidade equivale a 3,62 l. Cf. BAUCHE, Ulrich, «Hamburger Fayencen oder Porcellanas de Lisboa», *Lissabon-Hamburg fayenceimport fur den Norden*, Hamburg, Museum fur Kunst und Gewerbe, 1996, p. 32.

²⁷ Ainda que na colecção do Museu Rainha D. Leonor, Beja, se encontre uma peça com decoração policroma claramente destinada ao mercado germânico.

²⁸ As designações empregues neste texto, quando não surgem de traduções de obras estrangeiras, seguiram os estudos de TORRES, Cláudio, GÓMEZ, Susana, FERREIRA Manuela Barros – «Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos», *Actas das 3^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, 1997, Tondela, Câmara Municipal, 2003, p. 125-134, e de FERNANDES, Isabel Maria – *Formas e funções da faiança portuense oitocentista, Itinerário da faiança do Porto e Gaia*, Lisboa,

os vinhos aromatizados. Há, no entanto, um tipo de objectos que, pela singularidade das suas formas, constitui uma categoria específica e neles parece possível apreciar os distintos perfis culturais, quer dos encomendantes, quer dos executantes de faiança na Lisboa do século XVII. Trata-se de um tipo de garrafas que tem vindo a ser designado como *aquamanil* e cuja morfologia parece ser única no contexto da manufactura cerâmica coeva. Destas peças são conhecidas cinco formas essenciais, das quais quatro apresentam policromia.

Uma delas, em forma de *Peixe*, integra a colecção do Museu Nacional de Arte Antiga, de Lisboa, e só se conhece este exemplar em território nacional²⁹. É um objecto que, ao contrário das outras garrafas, deverá ter tido como função servir como gomil³⁰. Se este objecto se destinava ao uso profano do serviço de mesa, ou se tinha uma função religiosa, ainda não é possível determinar.

Também exemplar único é uma *Sereia*, hoje na colecção da Fundação Carmona e Costa, em Lisboa³¹, que constitui um dos melhores exemplares com policromia conhecidos para a produção de Lisboa na primeira metade do século XVII. Nela está presente a cor laranja que parece indiciar os referentes da majólica italiana ou flamenga, e que só muito raramente é assinalada noutras peças³². Esta garrafa foi feita a partir de elementos provenientes de dois moldes, o já enunciado *Peixe*, para a cauda, e a forma humana - o torso e cabeça - a partir de outro modelo. Este segundo modelo integra o tipo conhecido mais comum de garrafas e que tem vindo a ser

IPM, Museu Nacional de Soares dos Reis, 2001, p.27-52. NUNO, Carlos Simões (org.) - “Olaria tradicional portuguesa”, Solar dos Zagallos (cat. exp.), Almada, Câmara Municipal, 2002.

²⁹ Para além da peça mencionada na NOTA 23, leiloadada em Londres e que deverá ser similar a este objecto, nas escavações de Santa Clara a Velha terá sido encontrado um fragmento de uma cauda em faiança branca que aponta para a existência neste convento de um *aquamanil* com esta forma.

³⁰ Isto deve-se ao facto de todos os outros recipientes possuírem um estreito orifício para verter o seu conteúdo e este, pelo contrário, ser bastante largo, indiciando que o líquido no seu interior deveria sair em grande quantidade.

³¹ Há referência a uma sereia na colecção do Museu Nacional da Baviera, em Munique, (com 24 cm, a da FCC tem 27cm), no entanto trata-se de uma peça claramente diversa desta, conforme se pode observar em FUCHS, Eduard und HEILAND, Paul, *Die deutsche fayence-kultur. Einhundertfunzig der schonsten deutschen fayencen*, Munchen: Verlag, 1925, p. 154, tafel 89.

³² Ainda que presente em azulejos, esta cor só foi assinalada em menos de dez peças.

designado por *Esfinge*, pelo facto de ser constituído pela forma híbrida de uma mulher com garras de leão e asas de águia.

Estas garrafas assumem duas morfologias específicas, uma com cabeça de cão, da qual são conhecidos cerca de vinte exemplares³³, outra com cabeça feminina, que tem registadas três peças³⁴. Do primeiro grupo foram assinalados três exemplares polícromos, do segundo todas as garrafas são coloridas, tendo sido a partir destas que foi constituída a metade superior do corpo da *Sereia*.

A inspiração para estas peças não proveio de nenhuma narrativa mitológica, nem da imaginação dos que sonhavam com as novas terras. Elas foram criadas a partir das primeiras linhas da *Arte Poética*, de Horácio³⁵. Nela é descrita uma “criatura”, invenção deste autor para exemplificar o extravagante e, por vezes, ridículo da criação artística que ultrapassa os limites da Razão. A figura passou, por isso, a ser conhecida como o “monstro de Horácio”.

Com estas criações parece confirmar-se o carácter erudito de um sector de encomendantes e consumidores de faiança portuguesa da primeira metade do século XVII. A aparente ausência, para algumas destas peças, de referentes morfológicos semelhantes noutros espaços europeus, como a Itália, a Flandres e a França, reforça a originalidade desta produção e o nível cultural de alguma da clientela a que se destinavam. Disseminada pelas rotas comerciais, associando-se à diáspora dos judeus ibéricos, assumindo novas formas à medida que assimilou hábitos e culturas autóctones, a faiança portuguesa garantiu, na primeira metade do século XVII, um lugar de destaque, como um produto original e digno de figurar junto da mais cobiçada matéria cerâmica: a porcelana.

³³ Apesar de semelhantes estas garrafas podem ser divididas em três núcleos diferentes, de acordo com o tamanho e alguns aspectos da sua moldagem.

³⁴ Cf. PAIS, Alexandre, MONTEIRO, João Pedro, *Faiança Portuguesa da Fundação Carmona e Costa*, p.56-60.

³⁵ A “Arte da Poesia” inicia-se com: “Suppose a painter to a human head, Should join a horse’s neck, and wildly spread, The various plumage of the feathered kind, O’er limbs of different beasts, absurdly joined; Or if he gave to view a beauteous maid, Above the waist with every charm arrayed, Should a foul fish her lower parts infold, Would you not laugh such pictures to behold? Such is the book,, that like a sick man’s dreams, Varies all shapes, and mixes all extremes”. Cf. <http://www.classicpersuasion.org/pw/horace/horacepo.htm>. (consultado em Maio 2007)

Bibliografia

- BAUCHE, Ulrich, «Hamburger Fayencen oder Porcellanas de Lisboa», in *Lissabon-Hamburg, Fayenceimport für den Norden*, Hamburg, Museum für Kunst und Gewerbe, 1996, p. 19-47.
- BAUER, Margrit, *Europäische Fayencen, Museum für Kunsthandwerk*, Frankfurt am Main, 1977, p. 32-33
- CALADO, Rafael, *Faiança Portuguesa: roteiro Lisboa*, Museu Nacional de Arte Antiga
- CARVALHO, António Carlos, *Os judeus do Desterro de Portugal*, Lisboa: Quetzal Editores, Lisboa, 1999.
- COSTA, Leonor Freire, *Império e grupos mercantis. Entre o Oriente e o Atlântico (século XVII)*, Lisboa: Livros Horizonte, 2002, p. 62-64.
- FUCHS, Eduard und HEILAND, Paul, *Die deutsche fayence-kultur. Einhundertfunzig der schönsten deutschen fayencen*, Munchen: Verlag, 1925, p. 154, tafel 89
- HUSELER, Konrad, «Die Hamburger Fayencen des 17. Jahrhunderts», *Nordelbingen* IV, 1925, p. 479-532.
- KEIL, Luís, *A faiança de Hamburgo e as suas analogias com a cerâmica portuguesa do século XVII*, separata do Boletim da Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa, Vol. 3, 1938, p. 44-57.
- KELLENBENZ, Hermann, *Unternehmerkräfte im Harburger Portugal und Spanienhandel 1590-1625*, Hamburg, 1954
- KUHLBORN, Marc, «Keramik aus Portugal und Spanien» in *Luneburg, Aufrisse, Jahresheft des Arbeitskreises Luneburger Alstädte*.V. Nr. 17, 2001
- LESSMANN, Johanna, «Zur Geschichte der Fayencen», in *Lissabon-Hamburg Fayenceimport für den Norden*, Hamburg, Museum für Kunst und Gewerbe, 1996
- PAIS, Alexandre, MONTEIRO, João Pedro, *A faiança portuguesa da Fundação Carmona e Costa*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2003
- Portugueses em Amesterdão 1600-1680*, Amsterdam, Bataafsche Leeuw, 1988.

STUDIEN ZUR GESCHICHTE UND KULTUR DER IBERISCHEN
UND IBEROAMERIKANISCHEN LÄNDER

ESTUDIOS SOBRE HISTORIA Y CULTURA DE LOS PAÍSES
IBÉRICOS E IBEROAMERICANOS

Herausgegeben von · Dirigidos por

FRIEDRICH EDELMAYER, ALFRED KOHLER

und · y

JOSÉ CARLOS RUEDA FERNÁNDEZ

Band · Volumen 15

ASCHELDORFF VERLAG

Portugal und das Heilige Römische Reich
(16.–18. Jahrhundert)

Portugal e o Sacro Imperio
(séculos XVI-XVIII)

Herausgegeben von · Editado por

Alexandra Curvelo
Madalena Simões

2011

ASCHENDORFF VERLAG

Gedruckt mit Unterstützung
des Centro de História de Além-Mar und
des Instituto Camões, beide Lisboa/Lissabon.

LOGOS

Bibliografische Information der Deutschen Bibliothek:
Die Deutsche Bibliothek verzeichnet diese Publikation
in der Deutschen Nationalbibliografie;
detaillierte bibliografische Daten sind im Internet
über <<http://dnb.d-nb.de>> abrufbar.

© 2011 Alexandra Curvelo, Madalena Simões (für den Band)
Friedrich Edelmayer, Alfred Kohler, José Carlos Rueda Fernández (für die Reihe)
Institut für Geschichte der Universität Wien
Dr. Karl Lueger-Ring 1, A-1010 Wien

Verlag: Aschendorff Verlag GmbH & Co. KG, Münster

Das Werk ist urheberrechtlich geschützt. Die dadurch begründeten Rechte, insbesondere die
der Übersetzung, des Nachdrucks, der Entnahme von Abbildungen, der Funksendung, der
Wiedergabe auf fotomechanischem oder ähnlichem Wege und der Speicherung in
Datenverarbeitungsanlagen bleiben, auch bei nur auszugsweiser Verwertung, vorbehalten.
Die Vergütungsansprüche des § 54, Abs. 2, UrhG, werden durch die
Verwertungsgesellschaft Wort wahrgenommen.

Satz: xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
Umschlaggestaltung: Katharina Uschan, Wien
Umschlagbild: xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
Druck: Druckhaus Aschendorff, Münster, 2011
Gedruckt auf säurefreiem, alterungsbeständigem Papier

ISBN 978-3-402-xxxxx-x